

Em geral, as taxas de VIH costumam ser mais elevadas entre os homens e mulheres trans trabalhadores(as) sexuais (TS) do que noutros grupos da população. No entanto, trata-se de um grupo que costuma responder positivamente aos programas de prevenção do VIH e outras ITSs.

Muitos dos(as) trabalhadores(as) sexuais são imigrantes, ainda que seja de assinalar que a prostituição não seja, naturalmente, a ocupação da maioria desta população. Podem dedicar-se à prostituição ao não encontrar outro modo de ganhar a vida, sobretudo se se encontram em situação irregular. Também podem exercer o trabalho sexual como uma forma de financiar as suas viagens ou determinados gastos, ou fazer dele a sua profissão. Existem poucos casos documentados de tráfico com homens e mulheres trans, a grande maioria dos quais exerce de forma autónoma.

Na legislação espanhola castiga-se os proxenetas, as pessoas que promovem a prostituição ou as que beneficiem economicamente com ela, mas não as pessoas adultas que se prostituem, nem os seus clientes (ainda que, nalgumas Comunidades Autónomas, existam disposições municipais que penalizam tanto os clientes como os TS).

Alguns(as) trabalhadores(as) sexuais, bem como as ONGs que trabalham nesta área consideram o trabalho sexual uma actividade digna e legítima, e reivindicam o direito a decidir enquanto trabalhadores(as), assim como o direito a um tratamento digno e respeitoso.

Factores comuns

Os(as) trabalhadores(as) sexuais constituem uma população heterogénea, uma vez que costumam ter proveniências de meios e culturas muito diferentes. O risco de infecção pelo VIH também pode variar em função de diversos aspectos, como, por exemplo, se se trabalha na rua ou se se é um(a) acompanhante de luxo.

Apesar desta diversidade, a vulnerabilidade destes(as) trabalhadores(as) em relação ao VIH e o seu risco de exposição à infecção apresentam factores comuns:

- estigmatização e marginalização
- opções laborais limitadas (em particular, as mulheres trans, pela discriminação que sofrem)
- acesso limitado aos serviços de saúde, sociais e jurídicos
- menor acesso à informação e medidas de prevenção
- maior possibilidade de sofrer abusos e exploração sexual
- ausência de uma legislação que contemple as necessidades e direitos das(os) trabalhadoras(es) sexuais que exercem livremente e sem coação
- exposição a riscos associados com o estilo de vida (por exemplo: violência, consumo de substâncias, maior mobilidade geográfica).

A relação com os clientes, os parceiros afectivo-sexuais e o uso do preservativo

Alguns(umas) trabalhadores(as) sexuais podem ter dificuldades em negociar a prática de sexo seguro, uma vez que o cliente pode negar-se a pagar para fazer sexo com preservativo, utilizar a intimidação ou a violência, ou oferecer mais dinheiro para fazê-lo "ao natural", isto é, sem protecção.

A não utilização do preservativo de forma constante e adequada em todos os serviços sexuais aumenta a probabilidade de exposição ao VIH ou de transmissão aos clientes. Para a maioria dos(as) trabalhadores(as) sexuais, utilizar o preservativo significa cuidar da sua saúde e estabelecer uma barreira com o cliente.

Por outro lado, a necessidade de criar uma proximidade emocional ou de confiar os cuidados aos respectivos parceiros afectivos-sexuais faz com que, por vezes, se descuide o uso do preservativo com eles. Isto faz, naturalmente, com que aumente a probabilidade de exposição ao VIH e a probabilidade de o transmitir aos respectivos parceiros afectivo-sexuais.

Uso de drogas

Para além do consumo de álcool e outras drogas recreativas que os trabalhadores(as) sexuais façam na sua vida privada, deve assinalar-se que o seu uso é bastante frequente durante a prestação dos serviços sexuais. Assim, a ausência ou escassez de informação sobre os riscos associados ao consumo de substâncias, bem como de informação sobre estratégias para negociar a prática de sexo seguro podem favorecer a transmissão do VIH ou do VHC.

Mulheres transexuais

As mulheres transexuais têm tradicionalmente sido discriminadas (e continuam a sê-lo) em diversos âmbitos: social, administrativo, laboral, sanitário e educativo. A invisibilidade e a falta de informação sobre a transexualidade – a que se junta a escassa sensibilização da população em geral para as necessidades das pessoas trans – diminuem as suas oportunidades de integração na sociedade, assim como a solidariedade e o respeito que merecem. O trabalho sexual representa para muitas o único meio de subsistência, situação que as torna mais vulneráveis ao VIH. De forma a que a sua saúde sexual passe a constituir um aspecto prioritário nas suas vidas, é necessário reconhecer os seus direitos, bem como que se garanta a cobertura das suas necessidades mais básicas.

Esta ficha foi realizada em colaboração com a organização Stop Sida, www.stopsida.org



grupo de trabajo sobre
tratamientos del VIH
contact@gtt-vih.org
www.gtt-vih.org
Barcelona (España)

POR FAVOR, FOTOCÓPIALO Y HAZLO CIRCULAR

Subvencionado por:



Colaboran:

